



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

Redes sociais como ferramenta de apoio ao docente: Multiculturalidade na arte

RAIRA IZABEL SANTOS DE OLIVEIRA

Recife
2021



RAIRA IZABEL SANTOS DE OLIVEIRA

Redes sociais como ferramenta de apoio ao docente: Multiculturalidade na arte

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Marluce Vasconcelos de Carvalho

Recife
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R159r de Oliveira, Raira Izabel Santos
Redes sociais como ferramenta de apoio ao docente: Multiculturalidade na arte / Raira Izabel Santos de Oliveira. - 2021.
41 f. : il.
- Orientadora: Marluce Carvalho.
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2021.
1. Multiculturalidade. 2. Branqueamento histórico. 3. Apagamento histórico-racial. 4. Metodologias ativas. 5. Mídias sociais. I. Carvalho, Marluce, orient. II. Título

CDD 700

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAIRA IZABEL SANTOS DE OLIVEIRA

Redes sociais como ferramenta de apoio ao docente: Multiculturalidade na arte

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em 07/08/2021

Banca Examinadora:

Marluce Carvalho - UFRPE

Nome do(a) orientador(a) (sigla da instituição)

Presidente e Orientador(a)

Elizabeth Rosendo - UFRPE

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)

Examinador(a)

Lilian Deborah Barros - UFRPE

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)

Examinador(a)

DEDICATÓRIA

Dedico as pessoas que me fizeram entender que minha ancestralidade é maior e mais forte que o preconceito daqueles que não acreditam em sonhadores, ainda mais aqueles que sonham com cores. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais em primeiro lugar, por mais clichê que isso seja. Se não fosse por eles, não acreditaria no meu potencial e aonde posso chegar. À minha irmã, à família LAVD que construí, aos meus amigos que nunca desistiram de mim, mesmo que em vários momentos eu tenha feito. E não menos importante, agradeço a pessoa que me considera o epítome da genialidade mesmo que não seja. A todos, obrigada por tudo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar as causas da naturalização do racismo presente no ensino-aprendizagem, tendo em vista os conteúdos e representações imagéticas eurocêntricas. E, como objetivos específicos: discutir as causas da naturalização do racismo no ensino-aprendizagem do ensino básico e a predominância de imagens eurocêntricas no ensino de Arte e, por fim, construir material de apoio ao docente, no Instagram, que explorem as metodologias ativas e as questões da multiculturalidade, buscando desconstruir o pensamento e as representações imagéticas eurocêntricas, naturalizadas na educação e principalmente no ensino de Arte. A partir do estudo e compreensão das causas da naturalização do racismo no ensino-aprendizagem, foi possível compreender quais práticas corroboram com o simbolismo e predominância do eurocentrismo na Educação Básica e como é possível utilizar redes sociais como veículos de disseminação de novos conteúdos educacionais aplicáveis no sistema híbrido de ensino.

Palavras-chave: Multiculturalidade. Branqueamento histórico. Apagamento histórico-racial. Metodologias ativas. Mídias sociais.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the causes of the naturalization of racism present in teaching-learning, considering the contents and Eurocentric imagery representations. And, as specific objectives: to discuss the causes of the naturalization of racism in teaching-learning of basic education and the predominance of Eurocentric images in the teaching of Art and, finally, build support material for teachers, on Instagram, that explore active methodologies and the issues of multiculturality, seeking to deconstruct Eurocentric thought and imagery representations, naturalized in education and especially in the teaching of Art. From the study and understanding of the causes of the naturalization of racism in teaching-learning, it was possible to understand which practices corroborate the symbolism and predominance of Eurocentrism in Basic Education and how it is possible to use social networks as vehicles for the dissemination of new educational content applicable in the hybrid education system.

Keywords: Multiculturality. Historical whitening. Historical-racial erasure. Active methodologies. Social media.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	MOTIVADORES DA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO RACISMO NA EDUCAÇÃO.....	10
3	APRENDIZADOS SOBRE O MULTICULTURALISMO NA PRÁTICA HACKTHON.....	15
3.1	DESCOBRIR.....	17
3.2	DEFINIR.....	19
3.3	DESENVOLVER.....	24
4	CONSTRUINDO UMA DIDÁTICA PLURAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE.....	25
5	DESENVOLVENDO O MATERIAL DE APOIO AOS DOCENTES ATRAVÉS DE MÍDIAS SOCIAIS	30
	CONCLUSÃO.....	37
	Referências.....	39

1 INTRODUÇÃO

A multiculturalidade racial na educação é um assunto subjugado e marginalizado, mesmo em um país tão plural como o Brasil. A predominância da branquitude como principal exemplo de identidade visual racial em veículos de comunicação e educação, já faz parte da imagética do senso comum brasileiro.

O cenário de apropriação étnica e eventual mudança da identidade racial de um personagem histórico, para se adaptar aos moldes socioculturais, de uma comunidade, é recorrente no âmbito educacional. É notório encontrar figuras ilustrativas de revolucionários e/ou artistas que são identificados como branco, quando na verdade esses faziam parte do grupo de pessoas de cores, sofrendo assim apagamento histórico-racial, exemplo disso é Machado de Assis, romancista brasileiro, muitas vezes retratado com feições europeias em representações imagéticas.

Os materiais de apoio ao docente ou até mesmo discente, se encontram em descompasso tanto no ensejo do cenário contemporâneo de se adaptar ao viés representativo e diverso na educação, como no avanço e adaptação do cenário tecnológico no ensino-aprendizagem, ratificando assim, a necessidade de analisar e viabilizar mídias instrutivas que auxiliem a sensibilização e desconstrução da supremacia eurocêntrica na educação básica e incitem a autonomia do aluno por meio de uma didática agregadora, como menciona Lovato (2018, p. 157):

Ele é assim tirado de uma posição cômoda, puramente receptora de informações, para um contexto em que poderá desenvolver novas competências, se tornando o centro do processo de ensino aprendizagem.

Werneck (2006) diz que, de maneira epistemológica, o ser humano tem sua compreensão, julgamento e definição do conhecimento construído com auxílio do ensino-aprendizagem, portanto, ele não advém do vazio, iniciado durante o ensino fundamental I e continuado no II.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar as causas da naturalização do racismo presente no ensino-aprendizagem no ensino médio, tendo em vista os conteúdos e representações



imagéticas eurocêntricas. E, como objetivos específicos: discutir as causas da naturalização do racismo no ensino-aprendizagem do ensino básico e a predominância de imagens eurocêntricas no ensino de Arte, e construir material de apoio ao docente, no Instagram, que explorem as metodologias ativas e as questões da multiculturalidade, buscando desconstruir o pensamento e as representações imagéticas eurocêntricas, naturalizadas na educação e principalmente no ensino de Arte.

Desse modo, no capítulo dois, é estudado observando os motivadores que ajudam a construir o racismo da imagética racial na educação. No capítulo três, a partir de aprendizados e experiências extraídas em sala de aula e abordagens de ensino, é iniciado o processo e estudo do desenvolvimento de uma prática usando mídias digitais em sala de aula. E no quarto e último capítulo, traz o processo de construção de materiais para uma prática que possa abordar e contextualizar todos os elementos estudados até então.

2 MOTIVADORES DA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

Para iniciar a fundamentação da proposta deste trabalho, optei por começar a entender as nuances que irão discriminar dois pontos importantes a serem destrinchados: racionalizar o porquê do déficit de algumas pautas em sala de aula, principalmente as que envolvem multiculturalidade e entender que razões validam essa escassez na educação.

Octavia Butler, a primeira autora estadunidense preta e pioneira no gênero de ficção científica feminina na literatura mundial, menciona na introdução do seu romance literário mais aclamado, *Kindred: Laços de sangue*, publicado pela primeira vez em 1979, que “...Comecei a escrever sobre poder, já que tinha tão pouco dele”. No livro, Octavia nos apresenta Dana, uma mulher que é transportada da modernidade para campos de escravos, durante a guerra da Secessão nos Estados Unidos. O livro foi publicado pela primeira vez em meados de 1979, nos EUA, mas no Brasil, a obra foi traduzida e publicada apenas em 2017¹. Vários autores brancos da mesma época literária de Octavia, como Isaac Azimov, George Orwell, Philip D. Dick, entre outros, que abordam temáticas semelhantes em suas obras, são notórios desde o seu lançamento (a partir da década de 40) e permanecem em voga até hoje. George Orwell, por exemplo, durante a primeira onda mundial da Covid-19 (2020), teve suas duas principais obras: *1984* e *Revolução dos bichos*, republicadas por todas as editoras brasileiras entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre ²de 2021.

Aos olhos da população massificada e alienada pela cultura embranquecedora, pode-se surgir vários motivos para afirmar e corroborar com o porquê da marginalização de autores, principalmente quando são mulheres e escritores de cor.

Existem variados motivadores para isso acontecer, mas os estudados aqui são: a escassez na adaptação da tradução literária, publicações que só se tornaram famosas anos após o seu lançamento e a baixa visibilidade no

¹ Após 40 anos, obra de Octavia Butler é publicada no Brasil. Fonte: <https://deliriumnerd.com/2017/09/21/kindred-octavia-butler-lancamento/>

² Obra de George Orwell ganha novas publicações e HQ. Fonte: <https://istoe.com.br/obra-de-orwell-ganha-novas-edicoes-traducoes-e-uma-adaptacao-em-hq/>

mercado de literatura, Como exemplo, o caso de Octavia por ela ser uma mulher preta, escrevendo sobre pessoas pretas, em um segmento literário predominantemente masculino.

Em uma passagem do artigo de Oliveira e Abreu (2019 p.4), os autores argumentam que a matriz do impacto da escrita de Octavia, relacionando-a ao poder, ascensão social e como ele é intrínseco ao racismo: “No que tange às mulheres negras, esse “espaço” é tratado como não existente, ou seja, o lugar que ela ocupa na sociedade é um “lugar” não visto”.

De um modo geral, os motivos acima elencados, bifurcam no que compreendemos e como bem a própria escritora mencionou, denominado como poder. O segmento literário, infelizmente, trabalha com visibilidade e fama, logo, quanto maior for, mais engajamento você ganha e, conseqüentemente, adquire poder e status.

Assim, observando de forma mais focal, é possível dividir essa problemática em dois pontos: Sexismo e Racismo estrutural.

Da mesma forma que o poder advém de uma construção sociocultural, o Sexismo e principalmente o Racismo estrutural também, (ALMEIDA,2018), sendo ele passado ano após ano de acordo com a sua posição social, conquistas ou por meio do fenótipo e distinção étnico-racial. O eurocentrismo e o reconhecimento da branquitude como menciona Almeida (2018 p.50):

É o exemplo histórico do que acontece quando algo permanece no poder por tanto tempo, que constrói uma identidade sociocultural alinhada ao senso comum de uma sociedade, perpetuando assim um símbolo de supremacia racial, que se torna inerente ao ser humano.

No mais, desde a virada do século XX, estudiosos percebem que movimentos em prol da causa antirracista como afirma Barros (2020), vem tomando força, principalmente quando seu foco de desfragmentação identitária supremacista branca, se inicia pela educação básica. Segundo Barros, esse crescimento gera uma crise epistemológica na imagética da cultura de uma sociedade, promovendo assim o avanço das raças de cores em prol da luta acerca da representatividade e diversidade cultural. Isso afeta diretamente na disseminação de materiais, como livros, produtos audiovisuais ou mídias em voga na sociedade moderna, que alcance um público que está em processo de

amadurecimento e formação de caráter, abertos a novos processos de ensino-aprendizagem, como crianças e adolescentes em período escolar.

Segundo o IBGE (PNAD, 2019), jovens entre 14 e 29 anos que abandonam a escola, são pretos e pardos. Muitos se tornam mães ou pais de família precocemente. Outros, são os únicos que provêm uma renda fixa mínima familiar e por fim, existe a porcentagem dos marginalizados, que é o número de pessoas que infelizmente ratifica a segmentação do termo, cultura e imaginário do senso comum do “preto pobre sem instrução”. De 2019 para 2020, os números da evasão escolar aumentaram, chegando à 71,7% no total (IBGE/PNAD, 2019). Os discentes que já não se enxergavam na didática convencional, tiveram seu panorama acentuado com a migração emergencial da metodologia de ensino tradicional na educação básica para a aplicada à distância.

A representatividade e diversidade cultural desenvolvida na educação básica, faz parte de um processo em cascata que está interligado diretamente com questões sociais e econômicas, que alimentam o desenvolvimento de um indivíduo. A educação, sendo ela familiar, básica e/ou social, é o principal motor de fundamentação e viabilização desta pauta. Pelo ser humano ser tão visual, sua memória afetiva, julgamento e interpretação é ligada a estética que a representa. Segundo Kant (2008, p. 135), todo o indivíduo discerne o que enxerga através de dois fatores: o prazer estético e o julgamento (faculdade do juízo).

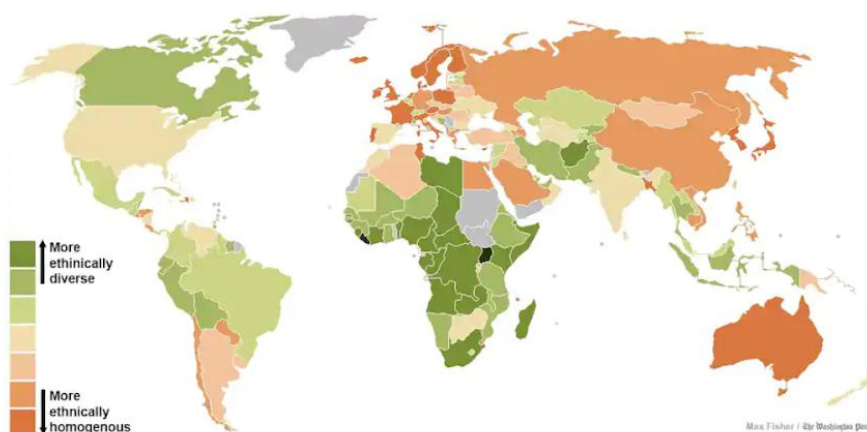
O prazer estético visual é algo do indivíduo que pode ser alterado mediante sua cultura. Já o julgamento, possui uma série de fatores que contribuem com sua construção, e é nele que alinhado à ideologia de cultura de massa (LARAIA, 2005), que um preconceito surge e subjuga uma representação identitária visual.

Segundo Michael Apple (2001), em seu artigo sobre Políticas de direita e branquitude, a política de identidade é um dos meios de construção de caráter para que um indivíduo possa discernir entre o certo e o errado, relacionando-o a visibilidade da multiculturalidade racial, principalmente na construção educacional. Neste artigo, ele menciona que o branco não é visto como uma raça de cor ou até mesmo uma raça, para eles existe o branco e existem as

raças de cores. O constructo de distinção físico vai além da coloração biológica e no caso dos brancos, sua supremacia é reafirmada por meio da culturalidade estrutural, difundida a partir das suas representações artísticas dominantes e pela descaracterização de outras raças, inserindo a sua no lugar, impondo e adquirindo visibilidade em territórios que sua representação era diminuta ou inexistente.

Em face disso, é nítido enxergar o porquê da desvalorização de diferentes raças/etnias dentro da educação básica. Desde grandes símbolos de marcos históricos até personagens representativos em livros educacionais, boa parte são representados por brancos, como aponta um artigo publicado pela UFPR, que contextualiza e debate o espaço dos negros e brancos em livros didáticos (SANTOS, 2013). Sendo que os continentes com maiores índices populacionais são os predominantemente multirraciais e com diversidade étnica, como apresenta a Figura 1.

Figura 1 - A revealing map of the world's most and least ethnically diverse countries



Fonte: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/05/16/a-revealing-map-of-the-worlds-most-and-least-ethnically-diverse-countries/>

Desde meados de 2003, com a inserção da Lei nº 10.639/03, a história e a cultura afro-brasileiras tornaram-se conteúdos obrigatórios em sala e pauta para o projeto político-pedagógico (PPP), no entanto, essa obrigação só é de fato colocada em prática ou lembrada, durante datas comemorativas ou simbólicas, como por exemplo: o dia da Consciência negra.

No mais, com o aumento considerável de pesquisas em busca da compreensão dos termos colorismo, multiculturalismo, diversidade racial e características fenotípicas étnico-raciais, por causa de casos frequentes de racismo e crimes de ódio contra pessoas de cores, durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff, foi criado em 2013, pelo IBGE, um manual de Características étnico-raciais da população e desde então, pautas como essa vêm sendo cada vez mais abordadas no cotidiano brasileiro e por sua vez, incluídos em sala de aula.

O multiculturalismo, por exemplo, segundo Silva e Brandim (2008) nasceu nos Estados Unidos no século XX, incitado por professores, doutores afro-americanos e docentes de estudos sociais que visavam incluir uma pauta mais plural na didática de ensino. Desde então, o termo se tornou intrínseco à educação, promovendo assim a coexistência e tolerância de diferentes grupos que fazem parte de um mesmo local, somando números cada vez maiores da compreensão do termo e naturalização dele dentro de uma sociedade.

Olhando esse cenário no Brasil, em 2019, mais de 32% da população brasileira se autodeclarou preta, segundo o IBGE (2019), sendo que nos anos anteriores, esse quantitativo era o que representava a população parda nacional. É com a visibilidade dessas pautas, que movimentos como antirracismo na educação, trilham um caminho factível, comprovando assim, o tamanho da necessidade da desconstrução imagética da supremacia eurocêntrica dentro da educação e o aumento da visibilidade multicultural.

3 APRENDIZADOS SOBRE O MULTICULTURALISMO NA PRÁTICA HACKTHON

A partir de uma vivência no evento denominado *Hackaxé*, realizado em 2019 pela escola pública NAVE- Núcleo Avançado de Educação, situada em Boa Viagem, bairro nobre de Recife, no qual os adolescentes que cursavam o ensino médio foram desafiados a procurar e desenvolver soluções para desconstruir o racismo na escola. O Evento, é baseado em uma atividade chamada *Hackathon*, que é basicamente a junção de duas palavras derivadas do inglês: *Hack* e *Marathon*, que tem como propósito reunir programadores para desenvolverem soluções específicas em um determinado espaço de tempo.

O *Hackáxé*, que trouxe no seu nome o peso da cultura iorubá, me deu a oportunidade de ser a palestrante, ao lado de mais duas adolescentes e uma professora, pretas respectivamente. Durante o evento, pude relatar minha vivência e aceitação étnica, o impacto do racismo sofrido durante a minha vida e a minha inserção no mercado de trabalho que atuo. Meu relato e o das outras três mulheres pretas, foram usados como base para o desenvolvimento dos projetos que viriam a ser ideados.

O projeto foi dividido em três períodos: A apresentação da problemática (a qual palestrei), o desenvolvimento da solução (duas semanas para os alunos produzirem os materiais) e a apresentação dos projetos (o qual também participei como banca avaliadora).

Em um *Hackthon* convencional, os envolvidos teriam uma jornada de 48 horas para apresentarem a devolutiva e solução do problema que escolheram se aprofundar, no entanto, como o projeto foi adaptado para o âmbito educacional escolar, esse espaço de tempo foi adaptado para que os estudantes pudessem ter um período maior de pesquisa, alinhamento da proposta no grupo e desenvolvimento. Como o Nave, é uma escola vinculada ao instituto César, um polo de pesquisa situado em Recife, focado no desenvolvimento e estudo de tecnologias e inovação, os alunos possuem expertises e aprendizagens específicas de acordo com os cursos que

escolheram estudar durante o período letivo dos três anos do ensino médio, logo, os mais de 100 alunos que conheci durante esses dois dias, eram bastante plurais, tendo bagagem de aprendizados que iam desde desenvolvimento de sites e jogos, até produções audiovisuais.

Assim, no dia da apresentação de cada um dos projetos, me deleitei com grupos sensíveis, determinados em explicar sobre o seu aprendizado, a sua cultura, orgulhosos por terem trazido ideias tão disruptivas e empenhados em disseminar o aprendizado colhido por eles mesmos.

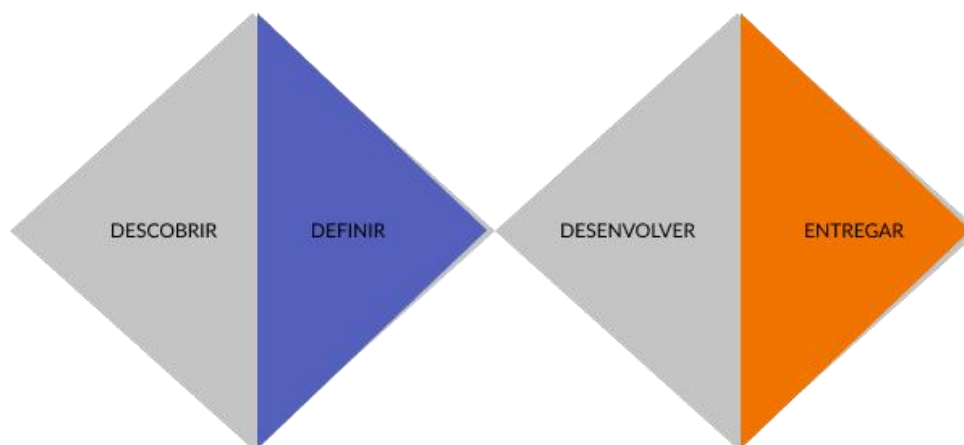
Esse projeto, foi um exemplo acessível e factível de como as raças de cores estão se dando voz e a educação está possibilitando vias que facilitem a trajetória dessas fundamentações à medida que avançam na construção identitária e representativa. Foi por meio dessa experiência que surgiu a proposta da presente pesquisa.

Por isso, o foco deste presente trabalho, é abordar a multiculturalidade na educação, dando destaque por sua vez a voz preta e por meio de materiais didáticos voltados para as artes visuais aumentar a viabilização e inserção da pauta no ensino aprendizagem. Dentro desses materiais, será possível abordar assuntos que vão desde a apropriação imagética, cultural, racismo estrutural, curiosidades de artistas pretos, entre outros.

Para auxiliar na formatação desta pesquisa, foi escolhida uma ferramenta de definição de processos chamada *Double Diamond* (DESIGN COUNCIL, 2005), comumente usada no nicho de inovação e tecnologia. Ela possibilita o desenvolvimento de ideias e entrega de soluções com valores, através de uma matriz que como o próprio nome diz é um Duplo Diamante, que se divide em quatro partes: Descobrir, Definir, Desenvolver e Entregar (Figura 2).

O primeiro diamante, descobrir, é o passo para compreender e validar se de fato a proposta a ser entregue durante esse trabalho é pertinente, praticável e factível.

Figura 2. Representação visual do Double Diamond



Fonte: Autoral, criado no Figma

3.1 DESCOBRIR

Era necessário ter um mecanismo de validação das minhas ideias e como formulários são uma prática simples de aplicação, o *Survey*³ foi o escolhido. Divulgado em 2020, o intuito do formulário de pesquisa foi captar insumos sobre como o racismo e o déficit de multiculturalidade representativa é enxergado na educação e no posicionamento dos envolvidos.

Ao todo, a pesquisa teve 24 perguntas, sendo 99% fechadas e um apêndice em aberto para que o participante pudesse relatar alguma sugestão, vivência ou questionamento acerca da pauta explorada no formulário. Em uma das respostas, uma pessoa (a pesquisa foi em anônimo) relatou que:

Estudo artes visuais na Unesp, e assim como nas instituições públicas em geral, pautas raciais são muito ignoradas. É impressionante como nenhum branco chega nem perto de se tocar da diferença entre a maioria de alunos e professores ser branca e a maioria das faxineiras (sempre mulheres) são pretas. Acredito que principalmente no que diz respeito à produção de pesquisa preta feita por pessoas pretas, algumas coisas estão mudando, mas o ritmo ainda é lento demais.

³ É um formulário de pesquisa quantitativa, comumente usado em processos de análise e definição de problemas. Formulário: <https://docs.google.com/forms/d/1QPjoR1LTvVe7BDii29omFkxruEi1Za1p74-wU24ZaR0/edit>

O seu comentário corroborou diretamente com o pensamento exploratório da pesquisa. No total foram coletadas 42 respostas, sendo elas 54,8% advindas de pessoas que estão se graduando no ensino superior.

Em um artigo de investigação étnico racial feito pelo IBGE (2018), foi apresentado que desde 1872 até 2010, o índice de pessoas que se enxergam como negra/preta aumentou, no entanto, em comparação com o período abolicionista, outras raças também foram legitimadas legalmente, dando assim oportunidade de outros pares poderem se enxergar perante a lei. Isso pode-se ser denominado por caracterização racial (IBGE, 2013), que é por meio dele que distinguimos o biológico, demográfico e visual de cada raça e dessa forma segmentamos a naturalização do racismo estético estrutural.

O livro que explora a contextualização da caracterização racial e seu impacto na sociedade, chamado **Características étnicos raciais da população**: classificações e identidades, foi feito durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff, entre meados de 2011 a 2013, disponibilizado pelo IBGE. No sétimo e oitavo capítulo da documentação, foram abordadas informações sobre o estudo da dimensão do ensino racial intergeracional, o papel da visibilidade étnica e sua influência no desenvolvimento e mobilidade racial de uma comunidade e a forma que o panorama socioeconômico e demográfico está diretamente alinhado e relacionado ao racismo estrutural.

É notório do ser humano que boa parte da sua memória afetiva seja ligada a alguma imagem. Segundo Almeida (1999), a memória faz parte de uma educação visual que por sua vez representa a inteligência estética visual de um indivíduo, e que desde as revoluções industriais e inserção da tecnologia veem se massificando e sendo ressignificada.

Quando pensamos em história, por exemplo, pensamos em marcos. Quando mencionamos um marco, ligamos ele diretamente a um símbolo, uma representação. E esse símbolo, se for de grande peso, boa parte das vezes é representado por um branco. Onde por sua vez, pode ter tido ou não a raça original apagada para facilitar a disseminação e validação do ideário histórico social. Chamamos isso de apagamento ou branqueamento racial e que segundo Y. Maggie (1996) foi criado para solucionar o excesso de negros e sua representatividade, tornando-se assim um operador lógico para organizar a

sociedade. Azevedo (1997, p. 159) ainda menciona, colaborando com a fala de Maggie, que “o mito da democracia racial brasileira tem raízes tão longínquas quanto as lutas dos abolicionistas contra a escravidão e contra o racismo”.

No decorrer da história, temos exemplos globalizados dessa conceituação, como por exemplo a representação branca da princesa Andrômeda em obras de artes mitológicas, sendo que em 1992, a historiadora de arte britânica, Elizabeth McGrath (1992), publicou um artigo chamado A Andrômeda Negra⁴, no qual ela apresenta que mitógrafos⁵ gregos apontam que a majestade é originária da Etiópia, que por sua vez é um país de matriz africana.

Após todas essas constatações, é possível analisar que a diversidade racial, o favorecimento étnico, a representatividade étnica sociocultural, continua sendo pouco difundida ou explorada em moldes acadêmicos e por isto, é necessário quebrar e redefinir o papel das metodologias e didáticas dentro da educação básica, para que assim novas fontes dentro do simbolismo educacional sejam usadas.

No *Survey*, uma das perguntas foi sobre que tipos de abordagem de ensino-aprendizagem acerca de pautas antirracistas seriam interessantes de serem abordadas pelo educador em sala de aula e 87,5% votou em Dinâmicas de convivência (como debates e júri popular), 78,6 Produção de conteúdo audiovisual (Como filmes, produção de HQ, livros ilustrados, *podcasts* etc.) e 71,4 %, indicação de livros sobre o assunto.

3.2 DEFINIR

Se baseando nas respostas obtidas pelo *Survey*, na etapa de Definição do *Double Diamond*, o foco foi determinar o tipo de material a ser elaborado para auxiliar na contextualização, sensibilização e compreensão do apagamento étnico-racial e multiculturalidade nas artes visuais. Assim, a proposta tem como base de fundamentação a metodologia ativa (SANARE,

⁴ Racismo Histórico: Como mulheres negras na mitologia foram retratadas como brancas pela arte: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-47260620>

⁵ Pessoas que servem como veículo de transmissão dos mitos, que escrevem mitos (narrativas fantásticas). Tem forte relação com sociologia e antropologia. Fonte: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0083>

2016), a qual instiga o autogerenciamento do alunado por meio de práticas introdutórias (tarefas, pesquisas, seminários e debates) favorecidas pelo professor. O intuito primário da pesquisa é priorizar o desenvolvimento de didáticas de forma mais lúdicas e atual, que use mecanismos que possam viabilizar a aplicação do material de forma híbrida (presencial e virtual) em sala de aula e que consiga dialogar e instigar uma interação maior entre o aluno-professor.

Dentro das classificações das metodologias ativas que mais faz sentido para ser desenvolvida por meio dessa pesquisa, é a de solução de problemas ou também conhecida como ABP- Aprendizagem Baseada em Problemas (SANARE, 2016), categorizado no nicho de Aprendizagem colaborativa. A partir de reflexões e debates, os alunos vão poder trabalhar as temáticas e/ou assunto sugeridos pelo professor. E por meio desses processos, o aluno adquire conhecimentos acerca das diferenças de um senso comum fortalecido pela sua base cultural e o obtido por meio de estudo e análise, ativando, assim, conceitos como flexibilidade de raciocínio, aprendizado autônomo, capacidade de analisar e refletir, entre outros. Esse tipo de aprendizagem construída é justamente a que não precisa ser retomada, apenas revisitada ou lembrada, segundo Zabala (2002). Já que foi desenvolvida de forma intrínseca a formação de caráter, julgamento e discernimento imagético e estético do indivíduo.

No formulário de pesquisa, as abordagens de ensino-aprendizagem mais votadas foram justamente as que trabalham formação de conhecimento por meio de debates, podendo assim explorar o estudo em pares/grupos no ambiente escolar, melhorando a convivência em grupo e construindo uma visão mais holística e respeitosa na sala de aula, mesmo a distância ou em ambiente híbrido.

No mais, para que o material seja criado, é necessário compreender se os professores e/ou mediadores estão acostumados, capacitados, com apoio acadêmico para inserir ou utilizar este tipo de material em sala de aula, principalmente durante o cenário atual mundial da pandemia do Covid-19, visto que a mudança abrupta de ensino presencial para o a distância/híbrido, afetou

drasticamente o desempenho não só dos alunos, mas também dos professores.

Neste segundo ano de pandemia, muitas escolas começaram a implementar o ensino híbrido⁶ como um modelo facilitador. Por meio dele, é possível misturar (como seu próprio nome indica), as metodologias e didáticas do ensino presencial como a distância. Atualmente, um professor pode dar aula de sua casa, para uma turma de 10 alunos que estão no modelo presencial.

José Moran (2015), professor e pesquisador da educação transformadora, mostra que a educação híbrida acontece em um cenário onde uma sociedade se encontra imperfeita, desestruturada, e por sua vez não se encaixam nos moldes convencionais (socioeconômicos) e nem ao cotidiano dos gestores, docentes, alunos e famílias.

Assim, analisando pela ótica do projeto, é perceptível enxergar como a logística da abordagem por problemáticas, por meio do ensino híbrido com a integração de mídias digitais no ensino são modos disruptivos e completamente aderentes e necessários nesses tempos de pandemia. No entanto, mesmo com todas essas prerrogativas é necessário validar todo o contexto dessas informações. Por isso, foi feita uma entrevista anônima em vídeo conferência (por meio do Google Meet) com um professor de Língua Portuguesa que também trabalha com ensino das artes, de uma escola privada da Zona norte de Recife - Pernambuco. Ele leciona para crianças do Fundamental II e Ensino Médio. Em uma de suas falas ele disse que:

Não tivemos capacitação. Foram videoaulas do Youtube, um breve auxílio inicial, mas o aprendizado foi feito na raça. No começo fiquei empolgado, acredito que como todo mundo. Mas à medida que percebi que me faltava tempo para ir ao banheiro, beber uma água, planejar a aula para o outro dia e ajudar os alunos [risos], as coisas tomaram outro rumo, sabe? Além do mais, o temperamento dos alunos também mudou. Vários que eram extremamente aplicados no formato presencial, tiveram suas notas afetadas durante esse período de adaptação. É tudo muito novo, sabe? E não é só eu que falo isso. Vários amigos relataram a mesma coisa e eu tenho o privilégio de estar lecionando em uma escola privada, porque na pública é bem pior. E lógico, muda de escola para escola. Algumas têm todo o suporte e outras estão negligenciadas.

⁶ Ensino híbrido é tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/ensino-hibrido-e-tendencia-para-vida-escolar-no-mundo-pos-pandemia>

Quando lhe perguntei se ele aborda pautas sensíveis como racismo, apagamento étnico, a percepção dos alunos do eurocentrismo no ensino, entre outros assuntos, se teve que adaptar para o virtual ou outro motivo que quisesse compartilhar, ele respondeu que:

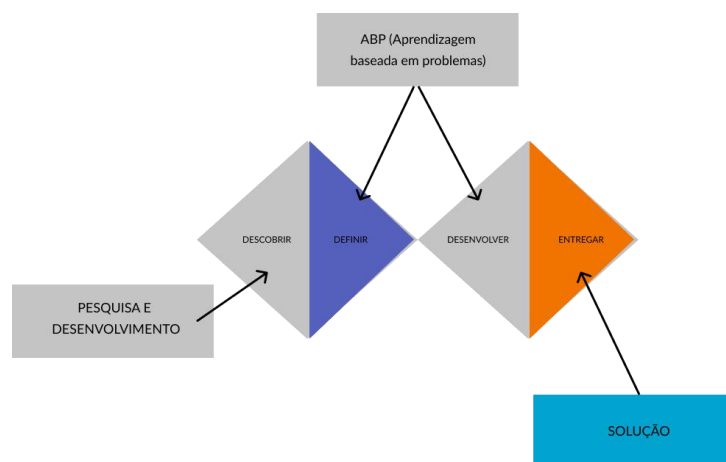
[...] Para debater, é sempre mais tranquilo em turmas mais velhas (ensino médio). Eles sempre querem problematizar algo, dar sua opinião sobre tudo. São bem sensíveis...Várias vezes explorei determinado autor durante um movimento literário invés de outro. Por exemplo: existem várias romancistas do período nacionalista pouco conhecidas. Então, invés de abordar o autor X, comento ou peço para eles pesquisarem sobre tal autora, sabe? Eles normalmente adoram. E se usar algo que eles conhecem como exemplo, é melhor ainda...É questão também de conhecê-los. Uma vez trouxe uma música de Pablo Vittar para trabalharmos em sala de aula e eles curtiram demais.

Dentro da aprendizagem ativa, de acordo com Lovato (2018), mesmo em ambiente virtual, é possível enxergar a inclusão de propostas, materiais e pautas que podem ser intrínsecas ou não à disciplina abordada, como os perguntados na entrevista e que se encaixam em quatro princípios básicos da aprendizagem contemporânea, que são: curiosidade, novas práticas, protagonismo do aluno e ludicidade.

Na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), mencionada anteriormente, é possível trabalhar e desenvolver essa sensibilidade mencionada pelo professor entrevistado. Por meio dela, trazemos justamente o estudante como protagonista, desafiando-o a compreender, destrinchar, aprender e avaliar uma problemática trazida para sala de aula de forma autônoma.

Na Figura 3, é possível visualizar uma representação gráfica de como funciona o *Double Diamond* e a ABP intrinsecamente.

Figura 3, Representação gráfica do Double Diamond Aplicado juntamente com a ABP.



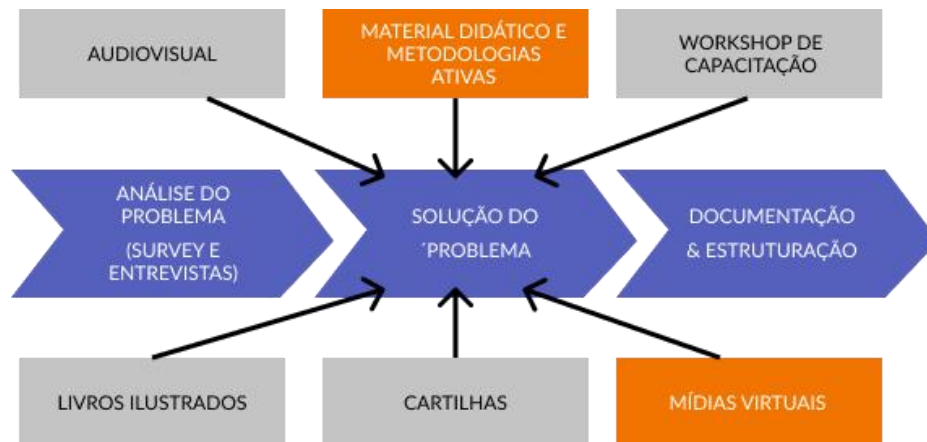
Fonte: Autoral, criado no Figma

Todavia, é importante ter em mente que para desenvolver essa prática, principalmente no formato virtual de ensino, onde o contato físico é nulo e a dispersão dos alunos acontece de forma mais acentuada que a presencial, é essencial conhecer os seus alunos para que possa abordar determinado assunto de forma não convencional e atrair a atenção deles, ratificando a necessidade de estar minimamente preparado ou disposto para implementar novas práticas. Por isso, não só na ABP, o aluno precisa estar no centro.

Em termos gerais, para utilizar a ABP como metodologia, é necessário ter uma pergunta problematizadora que destrinchará todo o processo de aprendizado. Para este trabalho, a pergunta é: O que mudou na visibilidade multicultural do séc. XX para o séc. XXI nas artes visuais? De acordo com a última atualização do BNCC (2017), Base Nacional Comum Curricular, todas as dimensões definidas para a disciplina de Artes, podem ser exploradas com foco na multiculturalidade, já que, dentre as habilidades estabelecidas para os anos finais do Fundamental II e ensino médio, estão: explorar, analisar e problematizar as narrativas eurocêntricas que se baseiam no aprendizado social, cultural, político, histórico, econômico, estético e ético.

Na Figura 4, pode-se visualizar os processos de Descoberta e Definição interligados aos possíveis modelos de entrega de valor que respondem à problemática levantada para o desenvolvimento do projeto.

Figura 4, Esquema visual da ABP com as representações das soluções didáticas



Fonte: Autoral, criado no Figma

Vale ressaltar, que as mídias virtuais foram os meios selecionados em que os conteúdos foram fundamentados pelas metodologias ativas,

3.3 DESENVOLVER

A terceira e não menos importante etapa do *Double Diamond*, o Desenvolvimento, desencadeia a prerrogativa da elaboração e contexto do projeto.

Quando se fala em multiculturalismo, é possível se aprofundar e estudar sobre variados segmentos, já que o termo é uma política social que visa buscar o reconhecimento de grupos étnicos raciais inferiorizados ou marginalizados.

No Brasil, apenas dentro do grupo indígena, temos mais de 350 etnias que podem ser trabalhadas, no entanto, neste trabalho será focalizada a raça preta/negra na arte e a diferença da sua visibilidade entre os sécs. XX e XXI e como isso pode ser explorado em sala de aula. Nesse primeiro momento, não haverá especificação demográfica de análise, podendo explorar assim, os artistas em um contexto mundial ou centralizado.

4 CONSTRUINDO UMA DIDÁTICA PLURAL PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM EM ARTE

É importante contextualizar como a ideia de construir conteúdos de facilitação ao docente, sobre a questão da multiculturalidade e o racismo, que foram desenvolvidas inicialmente.

Durante a disciplina de Prática como componente curricular VI (PCCC6) ofertada pela UFRPE no curso de Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em digitais, foi criado um coletivo de quatro alunas do curso, chamado Apayomi⁷, que visa abordar dentro do âmbito educacional voltado para artes, a valorização e viabilização de materiais com propostas inovadoras, sustentáveis, diversificadas, acessíveis e criativas. No primeiro projeto, apresentado durante PCCC6, o intuito foi trazer práticas voltadas para a sustentabilidade, reciclagem e reaproveitamento consciente, apresentando como projeto final uma cartilha-tutorial que interage com professor e aluno.

No segundo projeto da disciplina (PCCC7), o tema abordado foi multiculturalidade no ensino. Neste, foi criado um jogo de tabuleiro que tem como finalidade ensinar através da ludicidade a desconstrução do racismo na arte.

Nos dois projetos, o Instagram foi utilizado como veículo de apresentação do material, criando um cenário fictício de divulgação para ilustrar como seria a inserção do perfil na prática (com proposta de solução e serviço). Nele, foram anexadas imagens (postagens), vídeos e disponibilizados os materiais criados (como a cartilha) durante a estruturação do trabalho. Para este projeto de conclusão de curso, não foi será diferente. A rede social será utilizada como veículo facilitador de saberes, comunicando-se assim tanto com o professor como com o aluno, disseminando informações de forma orgânica.

Antes de expor o material de apoio que desenvolvemos para os docentes, de acordo com os objetivos dessa pesquisa, apresentamos alguns nomes de artistas pretos e suas poéticas, como sugestão de material de apoio e pesquisa no desenvolvimento das práticas em sala de aula e como modo de

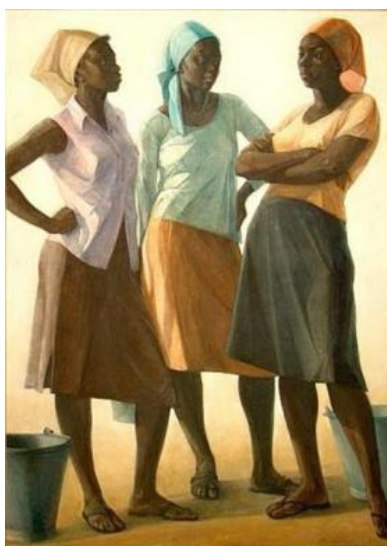
⁷ Perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/apayomi/?hl=pt-br>

ampliar o repertório dos leitores e envolvidos sobre os questionamentos que permeiam a obra deles.

Barrington Watson é um deles. Artista preto jamaicano, nascido na década de 30, do século XX, é um ótimo exemplo de artista contemporâneo preto, que vivenciou e representou períodos transitórios e metamórficos na arte entre os sécs. XX e XXI, mas que não possui uma grande visualidade artística em comparação com outros artistas brancos do mesmo período. Uma prova disso é a dificuldade de encontrar artigos biográficos, informações ou entrevistas com o autor, que faleceu em 2016.

Barrington, era adepto do Realismo social, onde muitas vezes ele destacou por meio de sua ótica, o corpo feminino de forma crua, em cenários reais. Na Figura 5, é possível visualizar a obra *Conversation* (1981), onde Barrington apresenta de forma natural o diálogo entre três mulheres pretas. É possível perceber baldes aos pés de cada mulher, dando ao telespectador o vislumbre de uma realidade trabalhadora ainda escravizada: as domésticas. A pintura é tão atemporal, que em pleno século 21 é possível enxergar tal cenário desenrolando da mesma maneira, com os mesmos traços, percepções, vestimentas e expressões.

Figura 5, *Conversation* (1981), por Barrington Watson.



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/barrington-watson/conversa-1981>

O século XX foi proclamado durante muito tempo, como o "Século da criança", pois até os anos 70, o mundo respirou várias guerras, crises

econômicas e surtos virais seguidos e para estruturar uma sociedade, os primeiros afetados na educação, são as crianças e jovens. Justamente as variáveis que definem o futuro de uma democracia.

Exemplo disso, é a retratação dos pretos em gibis ou charges de jornais por meados de 1910, onde os personagens de cores eram sempre apresentados de forma exagerada, animalesca e estereótipos do fenótipo desproporcionais. A representação dos pretos na arte nesse período era de um viés altamente racista, ofensivo e marginalizado. Poucos artistas de cor, como Barrington, ganhavam o mínimo do estrelato para atingir a classe massificada. Assim, o ideário imagético dos nascidos entre os anos 20 e 40, acompanhou uma montanha-russa de representações contraditórias, distorcidas e corrompidas sobre pessoas de cores.

Chinen (2010), menciona que a arte com negros feita por negros, principalmente de cunho jocoso ou de entretenimento, mal tem registros em mais de 100 anos de produção de humor gráfico nacional. Ele afirma que:

Somente em anos mais recentes, autores negros se dedicaram a transpor para os quadrinhos as situações de desigualdade e de preconceito em relação aos negros. O pioneiro autor a seguir essa vertente foi o professor de sociologia Bonifácio Rodrigues de Mattos, mais conhecido pelo pseudônimo de Ykenga, e que, desde a década de 70, publicava suas charges na revista *Ébano*. (CHINEN, 2010. p.73)

Leandro Assis e Triscila Oliveira, ilustrador/cartunista e jornalista e ativista preta, respectivamente, ganharam as redes sociais durante 2019-2020, trabalhando com temas sociais através de tirinhas. Em uma dessas tirinhas, chamada “Os santos” (Figura 6), serializada semanalmente no perfil do Instagram de Leandro, eles apresentam a dicotomia dos pretos empregados dos brancos. As interações entre as classes, o dia a dia, as contradições, o racismo e o silêncio naturalizado pela minoria oprimida. Em pouco tempo, suas tirinhas ácidas e cruas viralizaram. Leandro como artista branco, conseguiu relatar através da arte de modo sensível a realidade roteirizada por Triscila.

Figura 6 - Capa e quadro 16 da série Os Santos



Fonte: Instagram de Leandro Assis

Esse tipo de material instiga o receptor a buscar por mais produtores de conteúdo que abracem a diversidade racial, principalmente quando o contexto é trabalhar a compreensão da naturalização racista intrínseca no senso comum de uma sociedade e, nesse caso, é a apresentada na educação básica brasileira.

Atualmente no Brasil temos exemplos de nomes como Laércio Redondo, Ayrson Heráclito, Caetano Dias, Paulo Nazareth, Lourival Cuquinha, Barbara Wagner, Sônia Gomes, Bruno Baptistelli e Sidney Amaral para montar a bancada preta emergente nas artes plásticas visuais no Brasil. Em uma entrevista cedida a FRANCO (2019), na BBC News, Nei Lopes, escritor preto, diz em um trecho da entrevista que:

(...) o mercado está descobrindo o potencial do povo negro e a presença maior na mídia de artistas e intelectuais negros é positiva. Um passo para maiores conquistas, como o poder político, mesmo que isso tenha mais a ver com consumo do que com representatividade.

Essa afirmação deixa explícito que em comparação com o século passado, a visibilidade dos artistas de cor cresceu justamente pelas práticas representativas na sociedade. Os artistas possuem muito mais oportunidades e possibilidade de construir personagens e narrativas representativas em seus trabalhos, não se restringindo a mostras de arte, mas também explorando trabalhos audiovisuais e na moda. Normalmente a poética que permeia essas obras são ligados à ancestralidade, direito de fala, racismo e orgulho racial.

Em 2000, por exemplo, Ayrson Heráclito, artista plástico preto, apresentou em São Paulo, uma obra chamada *Transmutação da carne*, que narra a marcação que os senhores de pessoas escravizadas faziam nos

mesmos, para roubar a identidade deles e domesticá-los a ponto de se tornarem apenas um corpo marcado e não um ser humano.

É possível ver na Figura 7, que o artista Ayrson simula uma marcação a ferro no corpo de outro preto. Para o observador, essa obra pode ser lida de diversas maneiras, no entanto, acredito que o intuito do artista foi apresentar como a identidade do preto era roubada através de uma marcação que denota supremacia e poder.

Figura 7, Transmutação da carne(2000).



Fonte:<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/ayrson-heraclito/>

São artistas como esses, que deveriam ganhar sua parcela de espaço em livros ou materiais de apoio padronizados para o ensino básico, ilustrando os ciclos evolutivos da arte.

No Museu Afro Brasil⁸, um site que compartilha biografias e movimentos artísticos com pessoas de cor, é possível encontrar uma gama de artistas apagados pela branquitude e soberania racial. O site disponibiliza na biografia de determinado artista, quais outros seriam relacionados a ele. Um exemplo disso é Wilson Tibério, artista gaúcho nascido em 1923, que tem suas obras relacionadas a de Pablo Picasso, já que ambos apresentam em seus traços enérgicos e subversivos o movimento Cubista.

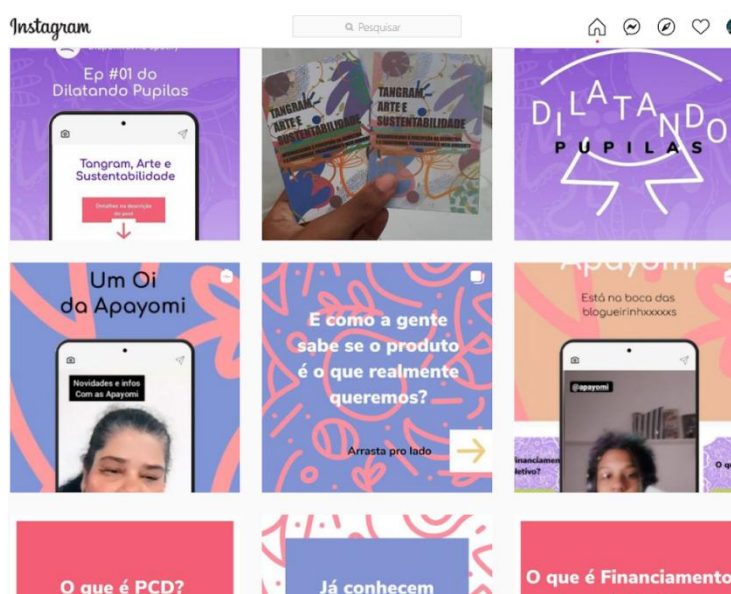
⁸ <http://www.museuafrobrasil.org.br/>

5 DESENVOLVENDO O MATERIAL DE APOIO AOS DOCENTES ATRAVÉS DE MÍDIAS SOCIAIS

Tendo agora compreensão racional das problemáticas que permeiam o déficit de inclusão multicultural na educação artística e toda a bagagem histórica construída por anos de discursos racistas entranhados a representações imagéticas estereotipadas, o presente trabalho assume finalmente o último triângulo do Double Diamond: a entrega da solução, que nesse caso é o desenvolvimento do material de apoio ao docente através de mídias sociais.

Como já dito anteriormente, o perfil do Apayomi será usado como meio de comunicação e divulgação desse material. É interessante ter em mente que a organização de um perfil de um usuário no Instagram, como mostra na Figura 8, é feita por colunas e linhas e cada linha equivale a três postagens, para o desenvolvimento inicial desse projeto, serão criadas apenas três postagens.

Figura 8 - Perfil do Apayomi



Fonte: Apayomi no Instagram

Estas postagens irão esclarecer dois dos principais pilares criados pela Unesco (2010, apud DELORS, n/p), que auxiliam a fundamentação da educação baseada em metodologias ativas ou um ensino-aprendizagem progressista. Os pilares são:

Aprender a conhecer: Abordagem da multiculturalidade, artistas de cor, diferenciais da visibilidade multicultural na arte e suas representações entre os séculos.

Aprender a ser: Exemplos de atividades a serem aplicadas com essas temáticas que trabalhem o questionamento identitário, criatividade, autonomia, pensamento crítico, inteligência emocional e sensibilidade.

Com base no Apayomi, as propostas de atividades irão trabalhar e compreender os motivadores que alimentam o apagamento racial e representativo na educação, traçar uma linha sobre os diferenciais da arte produzida por artistas brancos e artistas de cores entre os séculos XX e XXI e construir debates acerca desses assuntos. Desse modo, será possível desenvolver o pensamento não linear, o senso colaborativo e o criticismo estético do aluno. Para essas atividades é interessante que o educador esteja a par da situação socioeconômica dos alunos, já que dependendo das circunstâncias, alguns alunos podem não ter acesso a internet ou smartphones e assim ela precisa ser adaptada para contemplar a todos. Vale ressaltar, que a temática sobre a multiculturalidade na arte é uma sugestão de abordagem. Essas propostas são plurais, sendo cabível personalizar de acordo com o intuito do educador.

A primeira proposta (figura 9) é a produção de vídeos curtos (de até 30s) por meio de redes sociais, como o Tik Tok ou até mesmo o Instagram, onde os alunos possam apresentar artistas de cor desconhecidos. Nessa atividade, o educador pode propor a divisão de times/grupos para explorar de forma mais aprofundada os artistas por movimentos, grupos étnicos ou regiões. O Museu Afro Brasil pode ser usado, por exemplo, como uma das ferramentas de pesquisa para essa atividade.

Figura 9, Proposta de atividade 1 adaptada para postagem no Instagram

Trabalhando a pluralidade através de artistas desconhecidos em sala de aula

Primeiro passo para trabalhar a pluralidade em sala de aula é: **Definir uma temática**

Para te ajudar, o Apayomi vai usar de exemplo a pauta multicultural e o déficit representativo de artistas de cor em materiais didáticos

Relaxa, lembre que isso é só um exemplo. Você e sua turma, definem suas necessidades de aprendizado.

Segundo passo: Defina um racional

Como assim racional?

A temática exemplificada é multiculturalidade, certo? Para que os alunos compreendam que existe um déficit de representação, eles precisam olhar **o antes e o depois** e fazer um comparativo.

Ou seja: Deve haver uma pesquisa exploratória! Para essa atividade, indicamos o uso do **Museu Afro Brasil**

Último passo: Defina o tipo de material a ser entregue

Como não somos cringe (haha), a produção final dessa sugestão de atividade é a elaboração de um vídeo de 30s (feito pelo Tik Tok ou Instagram), onde o aluno terá que divulgar o(s) artista(s) escolhido(s).

Sugestão:

Traga nomes de famosos dessas redes, para os alunos se familiarizarem na forma como você sugere a produção dos vídeos

Exemplos:

Gostou? Compartilha com amigos educadores

Quanto mais plural, melhor

CURTIR COMENTAR COMPARTILHAR

Fonte: Apayomi, no Instagram

Outra proposta (Figura 10) utilizando redes sociais, são desafios quinzenais ou mensais. Na Cinemateca Pernambucana, um espaço virtual destinado à coleta, preservação, pesquisa e difusão das produções do cinema feito em Pernambuco, dá a possibilidade de explorar a diversidade artística e étnica regionalista.

Figura 10, Proposta de atividade 2 adaptada para postagem no Instagram

Trabalhando o audiovisual com Tik Tok

Com o cinema como sétima arte, o audiovisual se tornou uma sensação durante a virada do Séc. 19 para o 20. Com isso, o novo espaço para criar e construir o estereótipo, se tornou o novo queridinho dos artistas.

"Quanto mais produções, maior a visibilidade e inclusão" Certo??

Errado!!

Existem obras belíssimas, principalmente nacionais e produzidas por e com pessoas de cores que não ganharam destaque ou divulgação para o grande público.

Pela Cinemateca Pernambucana por exemplo, é possível encontrar um acervo gigantesco de produções audiovisuais de Pernambuco.

E se fosse feita uma atividade onde estudamos o comparativo da visibilidade e inclusão de produções por e com pessoas de cor entre o Séc. XX e XXI seria legal né?

Com toda certeza!

E como esse comparativo seria feito?

Através de um vídeo rápido, bem estilo Tik Tok, onde fosse possível explorar por exemplo: 3 pontos positivos e 3 negativos, relacionados a obra escolhida pelo aluno e assim traçar observações sobre as diferenças do contexto histórico e narrativas do período da obra e agora.

Acesse o link na descrição do nosso perfil e tenha acesso ao Plano de aula baseado nessa atividade

Gostou? Compartilha com amigos educadores

Quanto mais plural, melhor

CURTIR COMENTAR COMPARTILHAR

Fonte: Apayomi no Instagram

Um exemplo de aplicação desse desafio, é propor a pesquisa de curtas ou longas-metragens produzidos com ou por pessoas de cores entre os séculos XX e XXI, utilizando a Cinemateca Pernambucana como mecanismo

de busca e analisar as diferenças, contexto histórico e premissa narrativa das obras através da produção de um vídeo de até 1 min, como apresentado na Quadro 1, que exemplifica um modelo de plano de aula baseada nessa atividade.

Quadro 1 - Modelo de plano de aula baseado na segunda proposta de atividade

Plano de aula
<p>DISCIPLINA: Artes</p> <p>PROFESSOR: ---</p> <p>ASSUNTO: Multiculturalidade nas artes</p> <p>Pode-se aplicar no: Ensino Médio</p>
<p>HABILIDADES DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:</p> <p>1º, 2º, 3º do Ensino médio:</p> <p>(EM13LGG602). Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.</p> <p>(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.</p> <p>(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.</p>
<p>OBJETIVO DE APRENDIZAGEM:</p> <p>Geral: Explorar através de mídias audiovisuais o aprendizado do estudante acerca da visibilidade de produtores e artistas que promovem a multiculturalidade em suas obras.</p> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Analisar as diferenças na criação e desenvolvimento das obras de acordo com o período que foi feita; ● Traçar um comparativo da visibilidade branca na arte e a de cor (De acordo com o período que a obra se encaixa);

- Trabalhar o debate em cima da multiculturalidade no ensino das artes;

Orientações: É interessante tornar esse momento o mais lúdico possível. Como essa tarefa é um desafio quinzenal, é de extrema importância que a explicação sobre como o projeto será desenvolvido, já tenha sido informado e direcionado aos alunos com antecedência. Se possível, é cabível aqui saber quantos alunos utilizam redes sociais como Tik Tok e/ou Instagram, para mensurar se a atividade vai ser feita em grupo ou individual. Também é interessante, apresentar um exemplo de roteiro e gravação do vídeo, para que os alunos se familiarizem.

METODOLOGIA:

Para esse desafio, será necessário desenvolver a atividade por pelo menos três/quatro aulas:

A primeira, para explorar o contexto da multiculturalidade no audiovisual. Para essa aula, é interessante apresentar alguns mecanismos de pesquisa pouco abordados em sala de aula, como a Cinemateca Pernambucana. É necessário que para essa atividade, seja criado um comparativo onde os alunos possam se dividir em períodos entre os sécs. XX e XXI, para que na apresentação do desafio possa haver um debate acerca das mudanças entre os séculos.

A segunda aula, será para apresentar as possibilidades de estruturação do desafio (exemplo feito previamente pelo professor utilizando o tik tok, Instagram ou outra mídia de edição de vídeo), compartilhar um formulário para os alunos preencherem informando: Se fará individual, em dupla ou em grupo | Nome e turma | Qual o período escolhido (década da obra) | Quais as referências escolhidas (informar links) | Área para submeter o roteiro e resumo do desafio.

O formulário fica aberto até um dia antes da apresentação, para poder submeter o roteiro e resumo do desafio*.

A terceira e quarta aula, são destinadas para as apresentações e debates. Sendo individual ou não, cada aluno terá oportunidade de apresentar aos demais colegas de turma a sua produção, como foi dado o processo e escolhas temáticas. Após a apresentação, seria proposta a abertura de uma roda de debate entre os grupos. Cada grupo pode levantar um questionamento por rodada ou tempo estipulado pelo facilitador.

RECURSOS: Smartphone e rede social (Instagram ou Tik Tok) ou aplicativo de edição de vídeo

AValiação: Avaliação será feita com a entrega do vídeo (30s a 1min) + apresentação do mesmo para a turma (5min) e envio do roteiro e resumo (planejamento e pesquisa),

Totalizando em:

10 pontos (5 do vídeo + apresentação e 5 do roteiro + resumo)

Os materiais precisam estar em sincronia, já que o vídeo é baseado no roteiro e o resumo

E a terceira proposta (figura 12) de atividade, seria a criação de imagens a partir da leitura de obras. Nessa abordagem, o intuito é estudar e debater sobre o ideário estético em uma sociedade e como isso foi construído.

Figura 12-, Proposta de atividade 3 adaptada para postagem no Instagram



Fonte: Apayomi, no Instagram.

Para exemplificar, há alguns anos, quando a *DC Comics*, produtora de histórias em quadrinhos, revelou que a atriz escolhida para interpretar a *Estelar* em uma das suas séries de televisão, seria uma mulher preta, em pouco menos de vinte quatro horas após o anúncio, a atriz se tornou alvo de racismo e ameaças. O que mais intriga, é que a personagem que Anna Diop (atriz escalada) viria a interpretar, é uma alienígena de pele laranja. Esse caso, é apenas mais um entre vários, que exemplifica como o embranquecimento estético visual afeta a ótica e o senso comum de um grupo social. Nessa atividade, o professor poderia ler trechos de obras onde um personagem é descrito, mas sem descrever a etnia ou raça, e por seguinte, instruir os alunos a fazerem colagens digitais (por meio de algum aplicativo ou software usado

em sala de aula, como o Google Slides) de acordo com a interpretação individual da obra mediante a narração feita. Com isso, seria possível debater sobre o viés da correlação do ideário estético construído numa sociedade e como isso está intrínseco ao racismo estrutural, buscando assim, compreender quais os determinantes que os fazem vincular tal característica a tal etnia/raça.

É perceptível que para as três propostas de atividade, o professor tem apenas o papel de impulsionar o saber, a construção é feita pelo discente. John Dewey (apud Branco, 2014), precursor e criador da abordagem progressista na educação, já apresentava no início do último século, que a sala de aula precisa abraçar o aprendizado humanizado e para que isso aconteça, é necessário desenvolver práticas que auxiliem a transformação social da criança por meio de ferramentas que estejam integradas no seu cotidiano ou que possua familiaridade. As propostas de atividades, embasam o desenvolvimento e inclusão de tecnologias sociais em prol da educação, a aplicabilidade das mesmas no ensino híbrido e a conscientização e integração de pautas plurais na educação.

CONCLUSÃO

Considerando como um desafio um dos objetivos desse estudo que foi a formatação de materiais de apoio ao docente utilizando redes sociais como meio de propagação e/ou aplicação das atividades propostas, foi possível desenvolver, também, um embasamento sólido sobre os diversos caminhos dentro da educação, que podem ser explorados para abarcar tecnologias sociais, tanto como um motor de transformação no ensino-aprendizagem e que possibilitam agregar valores multidisciplinares, diversificados e plurais, já que consideramos essas redes como mecanismo integrador e multiplicador de saberes e didáticas entre docentes e acadêmicos.

A falta de materiais didáticos sobre multiculturalidade foi o motivador e escolha da temática para fundamentar a criação das atividades a serem desenvolvidas para o presente trabalho, voltadas para o ensino das artes visuais no Ensino Médio. Todavia, ficou perceptível como a problemática abordada não é um fator isolado no segmento educacional quando, em uma das propostas, foram apresentados exemplos de apropriação e embranquecimento racial vistos no cotidiano, deixando óbvio que a naturalização do racismo estrutural e suas diversas facetas, são alimentadas por estereótipos visuais criados socialmente, por fenótipos estéticos, culturalmente construídos, e por imagéticas preconceituosas arraigadas a um senso comum diretamente ligado a uma base historicamente fundamentada pela supremacia eurocêntrica.

Conforme informado na pesquisa, crianças e adolescentes são a parcela da sociedade que define a construção sociocultural de uma comunidade, por isso, será cada vez mais frequente observar a integralização de uma didática diversificada que preza por incluir metodologias progressistas na educação básica. Com o avanço contínuo e acelerado das tecnologias, é necessário que tanto o corpo discente e principalmente os docentes, estejam preparados para as mudanças na modelagem de abordagem educacional. Atualmente, mediante o panorama econômico, essa realidade evolutiva da educação básica no Brasil ainda se encontra em descompasso com as necessidades primárias de subsistência da população.

No mais, são iniciativas como essa, que buscam solucionar necessidades pontuais como atividades e discussões acerca do multiculturalismo na educação, sensibilização do racismo e incorporar novas práticas de ensino, que dão abertura para transformações.

O ensino básico como conhecemos atualmente, desde a sua formatação em meados da década de 30, evoluiu por meio de pequenos passos e motivadores específicos. O estudo apresentado até então, agora faz parte dessa parcela de iniciativas que buscam melhorar cada vez mais a educação básica nacional e tornar o sistema um lugar plural, que abrace diferenças e se sobreponha ao conservadorismo educacional.

Referências

ALMEIDA, Milton José de. **A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão**. 1999. Unicamp.br. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644074/11517>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

_____. **A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão**. Pro-Posições, Campinas - SP, v. 10, n. 2, p. 9–25, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644074>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural**. Academia.edu. Disponível em: <https://www.academia.edu/40009934/ALMEIDA_Silvio_O_que_%C3%A9_Racismo_Estrutural?email_work_card=view-paper>. Acesso em: 15 jan. 2021.

APPLE, Michael W. **Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais**. Revista Brasileira de Educação, n. 16, p. 61–67, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782001000100007&script=sci_arttext> Acesso em: 10 dez. de 2020.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **A recusa da raça: anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos 1830**. Horizontes Antropológicos. n° 24, p. 297-320, 2005.

BERNARDO, Teresinha. **Racismo e educação: um conflito constante**. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 1, p. 191, 2015. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/302>> Acesso em: 10 Dec. 2020.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **Mfundisi We-África: Um Itinerário Educacional de Enfrentamento do Racismo e da Desigualdade**. Educação & Sociedade, v. 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302020000100323&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 10 Dec. 2020.

BRANCO, Maria Luiza Frazão Rodrigues. **A educação progressiva na atualidade: o legado de John Dewey**. Educ. Pesqui, São Paulo, v. 40, n. 3, p.783-798.2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/zzzKmVzSksPgLzJzkNYMfKx/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

CHINEN, Nobuyoshi. **A imagem do negro no humor gráfico brasileiro do século XIX até meados do século XX**. Via Atlântica. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i18.50740>> Acesso em: 4 jun. 2021.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI**. 2010. Unesco. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por>. Acesso em: 26 jun. 2021.

FISHER, Max. **A REVEALING MAP OF THE WORLD'S MOST AND LEAST ETHNICALLY DIVERSE COUNTRIES**. Washington Post. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/05/16/a-revealing-map-of-the-worlds-most-and-least-ethnically-diverse-countries/>>. Acesso em: 9 Jul. 2021.

FRANCO, Luiza. **Presença maior de negros na mídia tem “mais a ver com consumo do que representatividade”**. 2019. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-50482127>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros na Sala de Aula - Artes (Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos. Recife: SEE/PE., 2013. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PSAdigital_ARTE_EFM_EJA.pdf . Acesso em: 15 mai. 2021.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial** – sobre as entranhas do racismo no Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Andreas_Hofbauer/publication/303919386_Branqueamento_e_democracia_racial_-_sobre_as_entranhas_do_racismo_no_Brasil_publicado_em_Por_que_raca_Breves_reflexoes_sobre_a_questao_racial_no_cinema_e_na_antropologia_edSanta_Maria_EDUFMS_2007/links/575d837c08ae9a9c955a64e2/Branqueamento-e-democracia-racial-sobre-as-entranhas-do-racismo-no-Brasil-publicado-em-Por-que-raca-Breves-reflexoes-sobre-a-questao-racial-no-cinema-e-na-antropologia-edSanta-Maria-EDUFMS-2007.pdf> Acesso em: 16 Jan. 2020.

IBGE. **Características étnicos raciais da população: classificações e identidades**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

IBGE. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

IBGE. **PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio#:~:text=A%20pesquisa%20est%C3%A1%20divulgando%20pela,7%25%20eram%20pretos%20ou%20pardos.>>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro, Forense Universitárias, 2008.

LARAIA, Roque. **Da ciência biológica a social: A trajetória da antropologia no século XX**. Habitus, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 1993

LOVATO, Fabrício Luís. et al. **Metodologias Ativas de Aprendizagem: histórico, fundamentos e classificações das metodologias ativas de aprendizagem**. Acta Scientiae. Canoas v.20 n.2 p.154-171 mar./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/3690> . Acesso em: 15 mai. 2021.

MAGGIE, Yvonne. **Aqueles a quem foi negada a cor do dia**”: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz, CCBB, 1996. p. 225-234.

MCGRATH, Elizabeth. “**The Black Andromeda.**” *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 55, 1992, pp. 1–18. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/751417. Acesso em: 9 Jul. de 2021.

MORAN, José Manuel. **Educação híbrida: um conceito chave para a educação**, Porto Alegre: PENSO, 2015, Págs. 27-45. Disponível em:
<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/educa%C3%A7%C3%A3o_h%C3%ADbrida.pdf>

PETRUCELLI, José Luis. SABOIA, Ana Lucia. **Características étnico-raciais da população: Classificações e identidades**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. [s.l. [s.d.]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>.

SANARE, Sobral. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa** - V.15 n.02, p.145-153, jun./Dez. - 2016 - 145

SANTOS, Wellington Oliveira dos. **Espaços de negros e brancos em livros didáticos de Geografia do estado do Paraná, Brasil. Ciência & Educação (Bauru)**, v. 19, n. 4, p. 1027–1044, 2013. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/ChRfpsJZ6fsknyRZNxh8mLR/?lang=pt>>. Acesso em: 25 Aug. 2021.

SILVA, Maria José Albuquerque; BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural**. 2008. Diversa. Ano1.

SIMÕES, Igor Moraes. **Onde estão os negros?** Apagamentos, racialização e insubmissões na arte brasileira. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, v. 24, n. 42, 2019. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/98263>> Acesso em: 10 Dec. 2020.

DESIGN COUNCIL. **A study of the design process**. Disponível em:
<[https://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/ElevenLessons_Design_Council%20\(2\).pdf](https://www.designcouncil.org.uk/sites/default/files/asset/document/ElevenLessons_Design_Council%20(2).pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2021.

WERNECK, Vera. **Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 173-196, abr./jun. 2006. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n51/a03v1451.pdf>>. Acesso em: 19 Feb. 2021.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo: uma proposta para o currículo escolar**. PENSO, 2002.